

Escavações no Castro de Sabrosa em 1968

O Castro de Sabrosa, *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como é hoje vulgarmente conhecido, é o velho *Castelo da Sancha*, antiga designação caída em desuso e proveniente da sua vizinhança com a antiquíssima aldeia da Sancha: fica situado no extremo oriental da Serra do Criveiro, em termo do concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real.



Fig. 1 — Troço duma parede de suporte no ponto mais alto do Castro de Sabrosa, ou «torreão» como lhe chama o povo. Na fotografia vê-se o Sr. Joaquim Ervedosa que, com todo o entusiasmo tem acompanhado as escavações e, em parte, as tem subsidiado.

O Castro dista 2 kms a norte da vila de Sabrosa está sobranceiro à estrada que segue para a Balsa, e dela distante uns 400 metros.

No ano de 1968 prosseguiram as escavações ainda quase com a finalidade essencial de marcar o delineamento das muralhas e refazimento das mesmas com os materiais delas derruídos.

Visitei o Castro para orientação de trabalhos nas férias da Páscoa em 8 de Abril de 1968 e de novo em 19 do mesmo mês de Abril. Voltei em 1 de Agosto, depois em 14 de Outubro, pela quinta vez em 22 de Outubro e por último em 5 de Janeiro de 1969.

O Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa, proprietário local e delegado em Sabrosa da 2.^a Subsecção (Arqueologia) da 1.^a Secção (Belas-Artes) da Junta Nacional da Educação, tem sido o grande elemento das escavações em curso. Não só tem subsidiado do seu bolso algumas despesas com os trabalhadores, mas também, dado o prestígio que goza na região, tem conseguido participações monetárias e trabalho braçal gratuito de pessoas da terra, a quem transmite o seu entusiasmo pelas obras no Castro.

O Sr. Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, distinto professor primário e Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, tem vivido com invulgar entusiasmo o ressurgimento daquele grande Castro, acompanhando os trabalhos com grande dedicação e acerto.

A tão dedicada colaboração que tem sido o braço direito do Sr. Joaquim Ervedosa, são devidos merecidos louvores.

No ano de 1968 prosseguiram os trabalhos da campanha anterior.

Muralhas

Proseguiu o descobrimento das bases das muralhas nos pontos onde a sua destruição foi levada quase ao rés da terra, e cujo delineamento é quase sempre marcado por amontoados de pedregulhos e cascalheira, às vezes mascarados por vegetação arbustiva.

A muralha do lado ponte refez-se numa extensão de uns 50 a 60 metros. O seu alteamento fez-se com a pedra que havia caído junto dela, em parte soterrada, e mais pedras caídas e espalhadas pelo fosso subjacente.

No descobrimento do delineamento deste belo pano de muralha, que vem do coto cimeiro e se estende para sul, em dada altura desaparece a base ou alicerce da muralha. A escavação naquele sítio parou.

Os trabalhos naquele ponto têm que prosseguir cautelosamente.

Tratar-se-á duma destruição total da muralha para levar a pedra para construir casas na vila de Sabrosa, ou será solução de

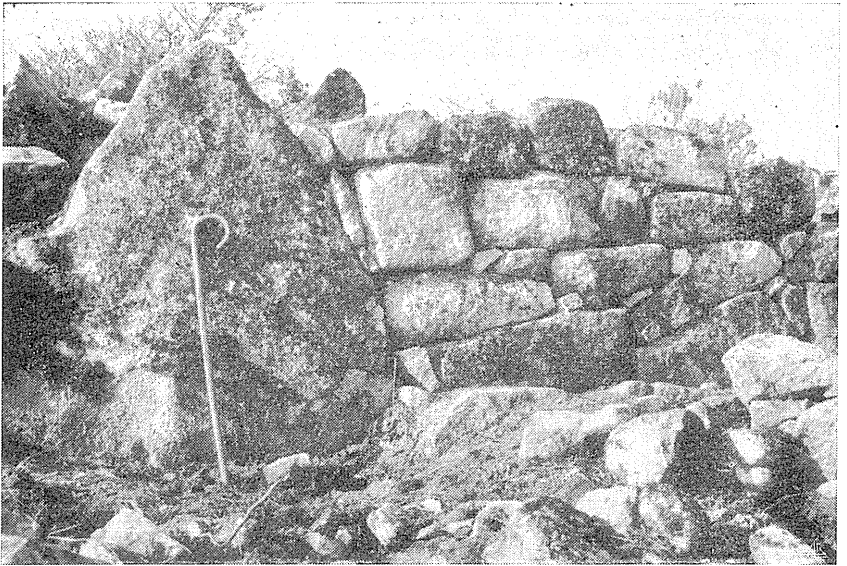


Fig. 2 — Porção da 1.^a muralha ou muralha exterior, do lado leste.

continuidade correspondente a uma entrada ou porta? É assunto a esclarecer numa prospecção cuidada a realizar numa próxima campanha. A muralha da parte sul não foi ainda totalmente posta a descoberto. Na sua maior extensão deve ter sido destruída até ao rés da terra para levarem a pedra para fazer casas na vila de Sabrosa. A razão é simples. É que nesta parte do Castro era mais fácil o carregamento da pedra pelos muitos carros de bois que se empregaram no seu transporte.

Coto cimeiro ou coruto a que o povo chama «torreão»

No coruto do Castro há uma série de muretes e paredões que parecem constituir pelo menos duas fiadas em anel abraçando o ponto mais alto do recinto castrejo.

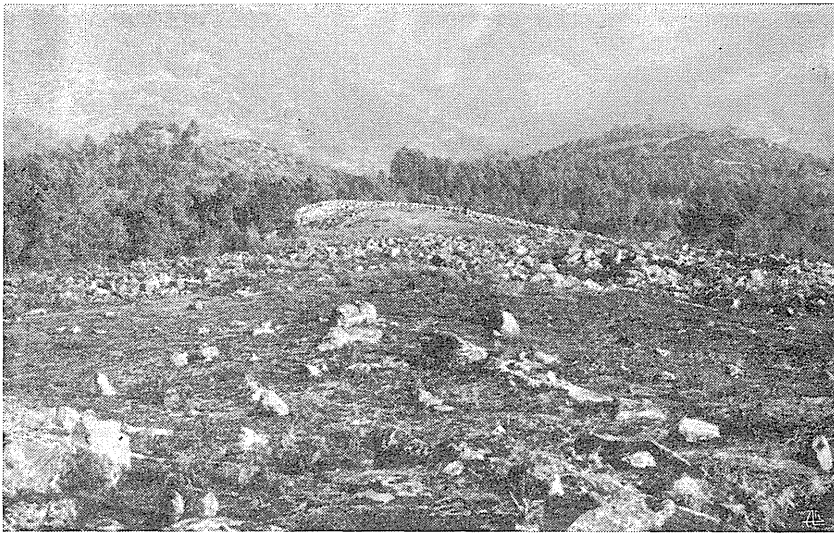


Fig. 3 — Vertente leste do Castro de Sabrosa. Ao fundo vê-se um troço da muralha reconstruído com pedras dela derruidas

Pelo que até agora se vê verificam-se dois tipos de construção desses muretes. Uns de pedras maiores e de afeição menos cuidado, são de construção rude, mais grosseira. Não se lhe distingue com nitidez a face interna de maneira que é de supor que sejam muros de suporte. Ao lado destes há muretes de pedras mais pequenas, de assentamento mais cuidado, que devem corresponder a uma outra fase de construção, provavelmente posterior. A desobstrução dos entulhos que revestiam o coruto, não foi feita completamente. Não pode ainda afirmar-se com segurança se aqueles muretes

bordejavam rampas de acesso ao ponto cimeiro, como parece deprender-se pelo que já se vê.

A continuação dos trabalhos naquele ponto tem que ser especialmente cautelosa.



Fig. 4 — Troço da muralha do lado poente. Na fotografia vê-se o Professor e Delegado Escolar Sr. Manuel Alfredo Marques, que, sob nossa orientação, tem dado seguimento às escavações.

Espólio

Embora como atrás se refere, os trabalhos até agora realizados quase se tenham limitado a descobrir o alinhamento das muralhas e a alteá-las com as pedras que delas caíram, algum espólio tem aparecido ao desenterrar as pedras, umas mais outras menos soterradas. É de crer que quando se abrirem valas exploradoras dentro do recinto castrejo, com a cuidada crivagem das terras, apareçam as coisas próprias da cultura castrejas. Têm continuado a aparecer *tegulae* e *imbrices* bastante fragmentados. Tem-se recolhido

alguma cerâmica grosseira, micácea e granosa, porções geralmente pequenas de vasos de vários tamanhos. Alguns fragmentos cerâmicos, delgados e de pasta fina, estão também guardados numa espécie de museu incipiente, instalado num armazém que é propriedade do Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa. Faz parte do museuzinho do Castro numa estranha peça de ferro, um grande machado de forma oblonga sub-rectangular, com gume rectilíneo de 35 cm de comprimento e o peso de 4,5 kgs. É como que um machado guilhotina. Foi oferecido ao Sr. Joaquim Ervedosa pelos seus achadores que relataram assim o seu achamento. Há uns 20 anos trabalhavam em busca de estanho na vertente sul e a uns 20 metros da muralha exterior do Castro quando toparam com uma talha ou panela de barro, que imediatamente quebraram para, sôfregamente, ver o seu conteúdo. Nela nada encontraram, mas junto da mesma toparam com o machado de ferro que, pelas suas dimensões, forma estranha e grande peso faz lembrar uma guilhotina. Juntamente com o machado apareceram duas argolas ou arrecadas (brincos?) de metal. O machado guardaram-no. As argolas não se sabe onde param. Parece que as venderam.

Ao terminar este pequeno relatório não quero deixar de, mais uma vez, realçar a prestimosa colaboração que o Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa e o Sr. Professor Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, têm prestado às explorações arqueológicas que têm sido feitas no Castro de Sabrosa, o antigo *Castelo da Sancha* ou *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como vulgarmente lhe chama o povo da região.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Vogal da 1.^a Subsecção da 2.^a Secção da Junta
Nacional de Educação